TRANSFERÊNCIA E FALOCENTRISMO*

Alexandre Simões

No intuito de fornecer uma contribuição à indagação 'Que Escola queremos?', sem desconhecer que a mesma está subsumida ao título do vindouro Fórum Nacional 'Saber lidar com a transferência', pretendo realizar alguns comentários relativos basicamente à *Proposição de 9 de outubro de 67 sobre o psicanalista da Escola*. Todavia, de início, penso ser cabível que sejam frisados os caminhos que eu opto por não percorrer:

I) não pretendo tomar o referido artigo de Lacan como um todo para, a partir daí, efetuar comentários genéricos;

II) não me deterei sobre as distinções e/ou continuidade entre as duas versões do texto. Pois, não devemos nos esquecer de que há uma primeira versão, cujo título é *Proposição de 9 de outubro de 67*, que foi publicada somente em abril de 1978, no volume 8 da *Analytica* (suplemento ao volume 13 da revista *Ornicar?*). A versão que usualmente circula entre nós não é esta, mas a segunda, publicada no número inaugural de Scilicet, em 68. É a esta que se acrescenta, em seu título, a figura do AE, daí ela se chamar Proposição de 9 de outubro sobre o psicanalista da Escola. Creio que não seria nem um pouco irrelevante o cotejamento destes dois textos, a despeito de todas as idiossincrasias e contingências históricas que concorreram para que houvesse não apenas uma, mas duas versões. A importância de tal comparação valoriza-se sobremaneira quando se considera o aludido acréscimo no título da segunda versão. Todavia, deixo tal sugestão aqui, sem, neste momento, ao menos lhe dar um desenvolvimento;

III) da mesma maneira, irei me abster de acompanhar as possíveis relações que se instalam entre a Proposição e o seminário que a antecede (A lógica do fantasma, concluído em 21 de junho de 67) ou que a sucede (O ato psicanalítico, iniciado em 15 de novembro de 67);

IV) por fim, evitarei apreender a *Proposição* como uma espécie de carta-proposta legada a nós por Lacan. Não que eu desconsidere tal ação completamente despropositada. Todavia, se assim for feito por alguém, lembraria que ela, a Proposição, haveria de ser justamente pensada como uma carta-proposta incrivelmente *sui generis*, uma vez que o seu próprio autor nos alerta, no parágrafo 131 (esta numeração foi feita a partir da versão publicada em Scilicet), que os seus *Écrits* (de quase mil páginas) deveriam funcionar como o prefácio à Proposição. Coisa curiosa: 924 prefaciando 17!

Pois bem, o que farei, então? Para ir direto ao ponto, diria que almejarei realizar um recorte muito específico que apreende a *Proposição* como portando elementos constituidores de um campo conceitual e, enquanto tal, como podendo nos ser bastante úteis para as nossas reflexões atuais. Para ser mais preciso ainda, gostaria de, sem ser exaustivo, me concentrar sobretudo ao redor daquilo que pode ser paulatinamente depreendido quando Lacan refere-se ao 'algoritmo' da transferência, portanto, àquilo que se situa entre os parágrafos 45 e 79. Como já deve estar sendo possível de se notar, pretendo indicar, no encaminhamento de minha argumentação, os parágrafos de referência dos assuntos tratados. Isto, longe de ser uma mera e risível adequação de minha parte a uma infrutífera exigência da Academia – que, aliás, é de onde eu vim e ainda permaneço – que rapidamente poderia ser, por um leitor desprevenido, igualada às artimanhas e arapucas do Discurso Universitário, é um sincero convite para que o leitor interessado possa, por si mesmo, ir às fontes e tirar as conclusões que ele considera cabíveis. Enfim, espera-se que esta pessoa, no mínimo, se implique aí como um leitor de Lacan e pague, nesta viagem, o pedágio que lhe cabe.

Assim, como disse mais acima, irei me concentrar ao redor do famoso algoritmo da transferência que, pela primeira vez, Lacan coloca sob uma forma escrita (literalizada, portanto) em 67. Porém, anates de abordá-lo diretamente, parece-me valioso relembrar alguns pontos que certamente poderão me auxiliar a atingir o objetivo de meu itinerário. Estes pontos, quando colocados de uma forma aforística são os seguintes:

I) há um 'problema da Sociedade Psicanalítica' (§ 2). Notem que Lacan não diz que o problema está no interior da Sociedade, porém que ela própria encarna o problema;

II) porém, as coisas não estão tão mal assim, apesar da inegável complexidade das mesmas, pois há uma proposta de solução para este problema, a saber, a distinção entre *hierarquia* e *gradus* (§ 2);

III) Lacan, com a *Proposição*, não introduz nenhuma novidade quanto às estruturas existentes e/ou asseguradas na Psicanálise, ou melhor, nos laços entre os analistas, a não ser no que diz respeito ao funcionamento das mesmas (cf. §§ 1, 2);

IV) há um propósito crucial na *Proposição:* o final de análise (cf. § 80). Para Lacan, a Escola deve lançar luzes sobre o final de análise (cf. § 92). É curioso notar como é que Lacan, neste momento tão específico, recorre a este jargão de inspiração tipicamente Iluminista: lançar luzes para dissipara a espessa penumbra. E sabemos que isto, em Lacan, não é irrelevante, de forma alguma. Se foi ele quem, na psicanálise, fortemente problematizou as pretensões e os resultados dos Iluministas sem necessariamente localizar-se no Romantismo – lembremo-nos aqui do tratamento que ele oferece a Kant, a Sade e, por fim, suas desconfianças em relação ao irrestrito reinado da Razão – foi também quem redigiu na contracapa de seus Escritos que as palavras que ali constavam orbitaram ao redor de um único debate, a saber, "o debate das luzes". E se formos a textos da envergadura de uma *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* ou *A ciência e a verdade*, iremos claramente perceber que este tão falado "debate das luzes" diz respeito a algo muito especial, a saber, à interrelação e à fronteira entre saber e verdade. Em última instância, jogar luzes sobre o final de análise é buscar a operatividade do saber e da verdade neste momento. Repito: há algo da *Proposição* que se prestaria a isso.

Dito isso, retornemos ao algoritmo da transferência para que eu comente alguns de seus elementos. *Algoritmo* não é um termo matemático sem importância e nem mesmo infreqüente em Lacan. Só para citar um exemplo, ele retorna (dessa vez articulado ao fantasma) na *Subversão do sujeito...*, à página 816 da edição francesa dos *Écrits*. Algoritmo é, sumamente falando, um conjunto de procedimentos adotados no intuito de se obter a resolução de um problema ou incógnita. Portanto, é uma operação, enfim, um processo de cálculo. Quando estamos efetuando, por exemplo, uma operação de divisão, estamos manuseando um algoritmo. Se hoje estou aqui escrevendo este texto em um computador, isto se dá graças aos algoritmos. Então, é nesta circunstância que Lacan poderá mencionar a 'resolução' da transferência ao invés de sua 'liquidação' (cf. § 26), termo este correntemente utilizado pelos pós-freudianos de sua época. Enfim, um algoritmo não liquida nada, apenas resolve.

E quanto à localização do SsS como o "pivô" (§ 50) da transferência, o que poderia ser comentado? Foi nesta atual releitura da Proposição que me dei conta de algo que até então havia, ao menos para mim, passado despercebido: pivô não é pontocentral. Quero dizer com isto que Lacan, quando se refere ao pivô da transferência está transitando pelas vias que lhe foram transmitidas por Alexandre Koyré quando este delimita um dos efeitos da instauração da Ciência Moderna: o rompimento com a imagem do círculo e a preferência pela elipse ou parábola. Enfim, àquilo que Koyré imputava como condição de passagem de um mundo fechado a um universo infinito, para me ater a termos já consagrados. Daí, a transferência ser sempre marcada por uma lateralidade ou refração. Creio que este aspecto é de suma importância: o saber lidar com a transferência, a meu ver, há de levar em consideração esta lateralidade. O SsS certamente não se furta a isto, daí, eu crer que é bem mais justo tomá-lo não como o estenograma do 'sujeito suposto saber', todavia, do 'sujeito suposto ao saber'. Este simples 'ao' conduzir-nos-ia ao exame daquela lateralidade. Assim sendo, como poderíamos percebê-la no próprio algoritmo da transferência? Creio que, ao mínimo, a partir de três aspectos.

1) o Sq que mantém um distanciamento do (S1, S2,...Sn), para nos fazer lembrar que há uma disjunção lógica entre ambos (cf. § 61);

2) a roupagem do SsS que não cai bem ao analista (cf. § 58);

3) os (articulado ao saber) que é uma significação que ocupa uma relação terceira quanto à dupla 'significante-significado' (cf. § 56-57).

Para dar prosseguimento a este exame gradual de alguns aspectos que compõem o algoritmo da transferência, eu faria a seguinte interrogação: e quanto ao sujeito que está implicado na transferência, o que podemos dizer? De início, para fazer menção às palavras de Jean-Claude Milner em sua *A obra clara* (cf. p.34/35), diria que esse conceito é tudo, menos um conceito trivial de sujeito. E é no próprio texto de Lacan que encontramos elementos que nos levam a concordar com a justeza dessa afirmação. No parágrafo 52, ainda da *Proposição*, podemos ver que o sujeito que está implicado na transferência e no saber que a ela se conecta, é um sujeito 'décrotté' de tudo aquilo que diz respeito ao subjetivo. Ora, 'décrottér' leva-nos a pensar em uma operação aos moldes de um expurgo, de uma limpeza que visa tirar uma crosta, por exemplo, de lama. Ademais, este sujeito – expurgado de subjetividade – não supõe nada, ele é suposto (cf. §§ 48, 52-53). Assim, o algoritmo da transferência nos diz de uma operação na qual o sujeito é destituído dos atributos que grande parte da Filosofia Ocidental, principalmente o eixo que vai de Descartes a Kant e culmina no *Selbstbewusstsein* de Hegel, sempre lhe intimou a acatar.

E quanto ao saber? Há uma passagem em *Televisão* (p.115, ed. Castelhana) que pode nos ser de grande valor para caminharmos na elucidação desse saber que, longe do sujeito lhe dominar, é a ele suposto. É o momento em que Lacan nos propõe que esse saber, enquanto tal, não pensa, nem calcula, nem julga sem deixar – aqui reside o essencial – de produzir um efeito de trabalho. Acho razoável afirmar que aqui, nesta conexão do saber ao trabalho, vemos um Lacan leitor de Marx, *via* Althusser. O saber que aqui vai interessar é enquanto promovedor de trabalho e sabemos desde já que ao mencionar o trabalho – que nesta circunstância não deixa de funcionar como o índice de mais-valia – Lacan estará, por conseguinte, falando em alguma coisa que faz algo fluir. Para a psicanálise, isto que flui, apesar da estase, é nada mais nada menos do que o gozo.

Prosseguindo em meu comentário, buscando chegar de fato a uma formulação que possa se posicionar perante a contemporaneidade, do 'Que Escola queremos?', relembraria algo que, desta vez, se encontra em Freud. Trata-se das diversas acepções da transferência que podemos encontrar ao longo de sua obra. De saída, quando se menciona o conceito de transferência em Freud, usualmente se pensa nos *Artigos sobre a técnica* (1913-14) bem como na Conferência XXVII das *Conferências introdutórias sobre psicanálise*. É neste *ethos*, neste ambiente ou morada que encontramos a transferência abordada sobretudo – mas não exclusivamente – pela vertente imaginária, em outras palavras, é aí que vemos o jogo de esconde-esconde e travestimento do *agalma*. Daí, fica parecendo que o algoritmo da transferência em Lacan é uma boa resposta que complementa ou melhor situa o que Freud chegou a localizar sob a égide da transferência. Todavia, há também em Freud, ao menos duas outras acepções do conceito de transferência que mereceriam ser relembradas para que possamos enxergar toda a operacionalidade do algoritmo de Lacan. Refiro-me, em primeiro lugar, à transferência tal como é abordada na *Interpretação dos sonhos*, mais exatamente na terceira parte do capítulo VII, onde percebemos que falar em transferência ali é lidar com a transferência do *Vortellungsrepräsentanz*, do representante da representação. Em segundo lugar, refiro-me à transferência tal como é apresentada por Freud em seus textos sobre a sexualidade infantil e a sexualidade feminina. Estou fazendo alusão *A organização genital infantil* (1923), *A dissolução do complexo de Édipo* (1924), *Algumas conseqüências psíquicas...*(1925) e a Conferência XXXIII das *Novas conferências...*, cujo título é *Feminilidade* (1932). Enfatizaria, neste momento, o texto de 1931, no momento em que Freud nos indica que a

menina, diante das batatas quentes do Complexo de Édipo e da Castração passa por uma tarefa dupla: *"...à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto"* (Freud, 1931: 263). E vemos, no desenvolvimento do artigo, que esta mudança é da ordem de uma transferência.

Tal acepção não deixou de chamar a atenção de Lacan. Em seu texto *A significação do falo*, ele retoma essa problematização da incidência da castração na mulher e frisa que ela aí teria uma apresentação estrutural especialmente espinhosa, devido a diversos aspectos, um destes *"porque a própria menina se considera, nem que seja por um momento, castrada, na acepção de privada de falo, e castrada pela operação de alguém, que primeiro é a sua mãe, ponto importante, e em seguida seu pai, mas de tal maneira que temos de reconhecer nisso uma transferência no sentido analítico do termo..." (Lacan, p.686).* Gostaria que, pelo momento, pudéssemos reter a nossa atenção principalmente na parte final dessa citação, a saber, a articulação, por Lacan, da transferência na dialética 'falo-privação do falo'.

Juntando-se tudo isso ao que foi até aqui comentado sobre os elementos que constituem o algoritmo da transferência, parece-me ser possível de se sustentar que o manejo e o metabolismo da transferência mantêm íntimas, ainda que não homogêneas, relações com o falo. Por 'metabolismo da transferência', estou fazendo referência àquilo que em nosso meio já se tornou notório: a dialética (no sentido grego de um movimento de posições, sem compromissos com sínteses) entre 'trabalho de transferência' e 'transferência de trabalho'. Gostaria de me deter um pouco mais sobre este ponto, ainda que seja às expensas do tema do manejo da transferência que, no entanto, não deixa de ser fundamental. Se mantivermos presente a passagem que extraí da *A significação do falo,* nota-se que o reordenamento do posicionamento do sujeito diante do falo ocasiona repercussões diretas sobre a transferência. E o que, em termos clínicos, teríamos como operacionalizador disto, a não ser o desejo? Em acréscimo, dado que estou por enfatizar o tema do metabolismo da transferência, eu frisaria que não se trataria aqui de um desejo que não é não importa qual, todavia, de um desejo inédito: o desejo do analista. Ao assim argumentar, não estou fazendo mais do que, juntamente de Lacan, considerar que *"é o desejo do analista o que, em última instância, opera na psicanálise"* (Écrits, p. 854). Sabemos que apostar sobre este ponto, clinicamente falando, proporciona conseqüências consideráveis. Ainda que, como já deixei levemente sugerido no andamento de minha argumentação, haja sempre o nefasto risco de se proporcionar à

transferência um manejo tal que, ao se contrapor às lateralidades nela atuantes, deixe abertas as vias para o encrudescimento do falocentrismo (tanto do analista quanto do analisando), isto é, para a crença de que o *agalma* consegue envolver firmemente o objeto *a*.

Enfim, quero fazer notar que diante da oscilação 'ser-ter', que é claramente o que está implicado, do início ao fim, na dialética do falo (e as incidências clínicas disso são numerosas), uma resposta há de ser dada a isto pelo desejo do analista. Em outros termos, verifica-se uma descontinuidade entre falocentrismo e desejo do analista. Este último situando-se por sua vez em um para-além das paragens fálicas. Se Lacan, ao nos propor o algoritmo da transferência, tem de primeiramente nos fazer notar a lateralidade que nele está em operação, antes de nos recolocar o tema do *agalma* e, por fim, se tudo isso tem como pano-de-fundo a perspectiva de solução do problema que é a sociedade psicanalítica, não me parece ser infrutífero pensarmos na descontinuidade que acima descrevi.

Contextualizando essa argumentação para os dias de hoje, enfim, para a coletividade dos analistas, a meu ver, há uma descontinuidade radical entre uma coletividade que se arranje sob a égide do falocentrismo e uma Escola que lance luzes sobre o final de análise. Enfim, sobre esse ponto que não é indiferente a um desejo de não-domínio. Logo, não é sem motivo relevante que Lacan localize exatamente aí a passagem do analisante a analista (que, por ser um tema muito rico, específico e melindroso, exigiria par ao seu devido desdobramento, um texto à parte). Portanto, diante do 'Que Escola queremos?', aceitaria o implícito convite de a esta indagação responder dizendo que gostaria de uma Escola que, partindo da lateralidade que está contida no algoritmo da transferência, não desconsiderasse, portanto, a própria lateralidade que há entre o desejo do analista e o falocentrismo, proporcionado, conseqüentemente, espaço onde uma outra lógica que não a lógica agalmática do ser ou ter possa dar as provas de sua existência e o testemunho de seus resultados. É possível ou assim querer é sair nos dédalos de um ideal?

*Trabalho redigido a partir de uma intervenção feita pelo autor, no Campo Lacaniano de Belo Horizonte, em uma atividade para o Fórum Nacional de outubro.